

DESENHANDO O PROJETO FEIRA DE BASE AGROECOLÓGICA-CULTURAL DA UFPI: PROPÓSITOS, ESTRATÉGIAS E PRINCÍPIOS POLÍTICO-EPISTEMOLÓGICOS.

Valéria Silva

Universidade Federal do Piauí. Email: valeriasilvathe@gmail.com

INTRODUÇÃO

A Feira de Base Agroecológica-Cultural da UFPI é um projeto de extensão universitária, vinculado à Universidade Federal do Piauí. Desde sua concepção primeira, já na escritura do texto do projeto, a Feira UFPI nasceu da junção de algumas inquietações, convicções e desejos pessoais; necessidades locais e parcerias com outras instituições e pessoas preocupadas em gerar uma política de produção de alimentos limpos para Teresina, visando também a constituição de um mínimo de segurança e soberania alimentar para a capital. Após mais de 1,5 anos de funcionamento regular, a Feira confirma o acerto do seu desenho político que aposta no pensamento complexo, na multidisciplinaridade, no estabelecimento de relações rurais-urbanas, acadêmico-populares, de gênero, multirraciais e transgeracionais, embaladas pela troca de conhecimentos e pela identidade cultural piauiense, expressa na arte e artesanato presentes naquele espaço. O projeto também tem mostrado vigor no que se refere a gerar possibilidades de maior acesso econômico-político-cultural ao segmento feminino rural de faixa etária média e de escolaridade em nível fundamental. Assim, alcança um segmento populacional excluído da possibilidade de emprego dignificante, bem como de grande parte das políticas públicas disponíveis na agenda do Estado. Com este desenho, a Feira de

Base Agroecológica-Cultural da UFPI aparece como um pulsante espaço de atividade acadêmica de ensino, pesquisa e extensão, bem como um espaço de cultivo de esperança para as gerações rurais mais jovens quanto à possibilidade material e simbólica de reencontrarem no meio rural o seu espaço de reprodução social e de bem-viver.

JUNTANDO REALIDADES, POSSIBILIDADES E SONHOS

O gosto pela agricultura e pela arte popular/artesanato marca toda a minha trajetória, posto que nasci no campo, numa família de agricultores e agricultoras e de mulheres bordadeiras, tecelãs, costureiras, rendeiras, como a maioria das mulheres rurais daquelas gerações. Por outro lado, como docente universitária, pude viajar a diversos lugares do Brasil e a outros países, conhecendo as diversas expressões das culturas locais ao frequentar feiras e mercados públicos. Estas experiências, invariavelmente, geraram em mim inquietações advindas da situação de aridez cultural encontrada na cidade de Teresina, onde cada vez mais a capital vem abdicando de suas referências, diluindo-se -sem maior cuidado- nas trocas culturais de dimensões local/regional, local/nacional e local/global. Inquietações advindas também - e não menos importante - do crescimento do convívio em ambientes fechados como *shoppings*, *buffets*, casas de festas infantis, boates, bares e

restaurantes climatizados, os quais vêm rompendo com as sociabilidades na rua, como a cadeira na calçada, o mingau de milho vendido na esquina, os campos de várzea, os clubes de bairros, clubes de categorias profissionais, grupos escolares etc.

Essa realidade de 'clausura social' alimentou em mim o desejo crescente de gerarmos alternativas ao que estava posto, insistindo no sonho de viver numa cidade que disponibilizasse seu espaço público para ambientar e estimular a vida social plena, também em dimensões transgeracional e multicultural. O desejo de contarmos com um espaço onde pudéssemos nos encontrar e trocar experiências, visões de mundo, culturas, saberes, onde usufríssemos dos talentos artísticos locais e provássemos os sabores diversos que nos remetem ao Piauí etc, não necessariamente mediados pela lógica do mercado. Onde, assim, alimentássemos a teia de construção e fortalecimento das nossas subjetividades, identidades e afetos. Onde pudéssemos fortalecer nossa dimensão criativa e praticar a livre fruição do belo, acima dos preconceitos. Uma Feira onde o aprendizado de como conviver com o Planeta de modo mais gentil e cuidadoso fosse uma tônica permanente, tanto porque a Terra é nossa provedora, quanto porque seus recursos são esgotáveis. Muitas inquietações, portanto.

Mas a Feira UFPI também nasceu de várias necessidades. Uma delas pautada pela carência que temos do acesso à alimentação saudável e segura, cultivada a partir do compromisso com o bem viver (de quem consome e de quem

produz o alimento) e do compromisso com a sustentabilidade do planeta. O trabalho de doze instituições mobilizadas pela CPORG¹ e mais 10 comunidades rurais de Teresina articuladas inicialmente pelo GPOTE - e depois pela CMAPO -, grupos dos quais fiz parte representando a UFPI, passou a construir este feito: gerar possibilidades de produção e consumo de produtos sem venenos ou adubos químicos, comercializados a preços justos, por venda direta das produtoras para as consumidoras. As citadas comunidades participantes da iniciativa já trabalhavam com horticultura tradicional ou convencional no município, sendo assistidas pela SDR-Teresina.

O trabalho de assistência técnica e apoio em geral então prestado pela rede de instituições às comunidades levou ao aumento e diversificação da produção em cinco delas, impondo a necessidade do escoamento dos produtos. Assim, começamos a organizar a Feira quinzenal da Praça Rio Branco, sob a coordenação da SDR Teresina, experimentando maneiras de assegurar a venda da produção aos horticultores e o acesso ao alimento limpo pelos consumidores, importante segmento do trabalho agroecológico.

Após nove meses de atividade exitosa, passamos a receber a demanda de produtoras e consumidoras quanto a novos espaços de comercialização, de modo a garantir a Feira semanal. A partir desta demanda propusemos a Feira no espaço da UFPI, por entendermos ser um local favorável para a articulação do produto agrícola com a produção de arte e artesanato, o que conferiria maior

complexidade à concepção agroecológica da Feira, além de envolver a comunidade ufiana. Como docente sempre me resenti do distanciamento agudo entre Universidade X sociedade e vi como uma necessidade que a Feira pudesse ajudar a construir o diálogo academia X população de várias maneiras, inclusive com a prestação de serviços concretos, rompendo fronteiras tão vincadas como as existentes na atualidade. Ao mesmo tempo favoreceria a aproximação dos fazeres e saberes populares, procurando tomá-los como saberes igualmente válidos. A Feira foi pensada como o lugar onde os segmentos diversos pudessem mostrar seu trabalho, seu modo de ver o mundo e de nele viver e intervir, construindo um movimento dialógico de ver e ser vistos pelos teresinenses e contribuindo com a revitalização da nossa identidade.

Do ponto de vista da agricultura, a Feira deveria oferecer produtos limpos, a preços justos, por meio da venda direta produtor/consumidor. Deveria perseguir o estabelecimento de condições dignas de vida a quem produz e ainda uma relação próxima com consumidores, no sentido do estabelecimento de vínculos, cuidados mútuos e de corresponsabilidades. Quanto ao artesanato, o desenho da Feira deveria trazer à tona aquilo que eu acreditava existir em Teresina, mas que se encontrava invisibilizado: a renda, o bordado, as tramas, as colagens, as costuras, as flores, as bonecas de cada bairro ou comunidade rural. A Feira deveria trazer à luz o fazer de artistas e artesãs da cidade, numa perspectiva de diálogo da academia com a cultura local e a ideia de sustentabilidade.

Outra vez a invisibilidade alimentou o desenho da Feira. Neste caso, das populações rurais e dos fazeres e mundo simbólico. E deste universo, as mulheres deveriam ser os sujeitos prioritários, posto que os mais vulneráveis desta relação. Contribuir com o rompimento da subjugação de mulheres pelas amarras da sociedade patriarcal estaria no escopo do projeto, assim como ajudar a estabelecer condição de sujeito ativo a alguns grupos sociais, como jovens, negros e segmento LGBTQ.

Havia também uma forte necessidade em relação à fruição da arte em geral que o Projeto Feira deveria tematizar. Não há meios de se pensar agroecologicamente sem trazer a arte e a cultura para o centro das reflexões. Assim, inseri no Projeto o Palco das Emoções, que viria a ser a dimensão da Feira UFPI a articular os shows, as performances, as rodas de cantoria, as danças populares, as exposições, as oficinas musicais, as rodas de poesia, as participações espontâneas etc. Seria este o espaço consagrado a lustrar a cultura local e global, articuladas sob os interesses do grupo que ali se configurava em torno da Agroecologia. O Palco teria a tarefa de possibilitar a fruição da cultura por estratégia diverso do mercadológico, conseguindo construir a apresentação gratuita dos artistas para feirantes e consumidores, num espaço aberto e autônomo em relação à lógica do capital. Deveria também propiciar aos artistas um ambiente acolhedor, divulgando sua arte pelos meios que dispusesse, estimulando a valorização da cultura local.

Numa perspectiva agroecológica, o saber se constrói a partir da entrada horizontal dos vários sujeitos e a diversidade de suas tradições; por estratégias, tipos de conhecimento e áreas de saber múltiplas. Assim entendendo, no desenho da Feira constaria a Praça dos Saberes e suas Rodas de conversa, momentos onde as pessoas pudessem, livremente, debater, ensinar, aprender sobre temas variados, programados antecipadamente. Em cada Feira seria abordado um assunto de interesse da Agroecologia de um modo geral, contando sempre com animadores e animadoras - pessoas que trariam sua contribuição a partir do seu trabalho, vivência, estudo etc - estimulando a participação dos demais. As Rodas seriam o meio de concretizar a meta da partilha horizontal do saber produzido coletivamente, democratizando a construção e fruição do conhecimento gerado no espaço da Feira. Também por este recurso a extensão deveria cumprir seu importante papel de formar alunos da UFPI, especialmente aqueles envolvidos na Equipe Feira, por acessarem e participarem diretamente das mais variadas discussões e experimentarem uma relação de contraponto à forma ortodoxa de produção de conhecimentos na academia.

Por fim, como já citado, a Feira nasceu da possibilidade do trabalho em rede. As parcerias e os apoios deveriam estar colocados como condição fundamental para a Feira UFPI. A experiência mostrou o acerto desta escolha. Sem a rede articulada, as inquietações, os desejos e as necessidades os quais a originaram

teriam de esperar por muitos anos para saírem à luz do dia como realidade posta. A Feira nasceu e segue assentada sobre vários ombros e se concretiza em cada edição a partir de aportes institucionais diversos, inegavelmente.

CONCLUSÃO

Balizada pelas perspectivas relatadas, e outras que não cabem explorar nos limites deste texto, foi que escrevi o Projeto de Extensão Feira de Base Agroecológica-Cultural da UFPI e o Programa de Extensão Sementes de Cultura no qual se situa este e outros projetos de extensão. O propósito maior foi de configurá-la como o lugar de trocas frutíferas entre rurais e urbanos, universidade e sociedade, acadêmico e popular, material e simbólico, crianças, jovens e idosos, negros/pardos/brancos/indígenas, héteros e homos, homens e mulheres etc. Caracterizar a Feira como um lugar onde todos nós pudéssemos ter acesso ao alimento seguro,

vivência solidária e às expressões variadas da nossa cultura, pudéssemos praticar a empatia, o afeto, o respeito ao outro, o amor e cuidado para com o planeta. Pudéssemos experimentar o novo que nos leva à frente e o velho que nos ancora na nossa caminhada. Agroecologicamente pensada de modo complexo, diverso, inovador e acolhedor, a Feira UFPI deveria caber todos e todas que com ela desejassem dialogar, ambientando a busca e realização das melhores práticas humanas, do bem viver coletivo; superando o trivialmente já construído, massificado e oferecido para deglutição, por fim.